

## “Às vezes é útil pedir à evidência que se justifique”: aspectos da relação entre Saussure e Benveniste

Gabriela Barboza<sup>1</sup>

Universidade Federal do Rio Grande, FURG, Rio Grande, RS, Brasil

**Resumo:** Neste trabalho, tenho como objetivo apresentar e discutir aspectos possíveis de relação entre os linguistas Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste. A partir da utilização da ideia de *encontros*, proposta por Normand (2009), são brevemente explicitados elementos da vida desses autores que contribuem para a reflexão sobre suas obras. Além disso, procuro dar relevo a principalmente dois dos múltiplos momentos teóricos em que os autores se encontram: as proposições em torno da Linguística Geral e o trabalho com línguas diversas. Espero, com isso, demonstrar a proximidade entre os dois linguistas, Saussure e Benveniste, que nunca se encontraram fisicamente, mas cujo encontro intelectual é notório, inegável e transformador dos rumos da Linguística.

**Palavras-chave:** Ferdinand de Saussure; Émile Benveniste; Linguística Geral; Estudo de línguas diversas.

**Title:** "Sometimes it is useful to ask evidence to justify itself": aspects of the relationship between Saussure and Benveniste

**Abstract:** This paper aims to present and discuss possible aspects of the relationship between the linguists Ferdinand de Saussure and Émile Benveniste. Using the idea of encounters proposed by Normand (2009), we briefly explain elements of the lives of these authors that contribute to thinking about their work. Moreover, it is intended to highlight mainly two multiple theoretical moments in which the authors theoretically meet: the propositions around general linguistics and the work with various languages. It is expected, with this, to demonstrate the proximity between the two linguists, Saussure and Benveniste, who never met physically but whose intellectual encounter is notorious, undeniable, and transformative of the directions of Linguistics.

**Keywords:** Ferdinand de Saussure; Émile Benveniste; General linguistics; Study of various languages.

### Para situar a discussão

Este artigo é fruto das reflexões e dos desdobramentos oriundos da apresentação no “Ciclo de Conferências em Estudos da Linguagem: da Linguística do Sistema à Linguística do Discurso”, realizado na Universidade Federal do Rio Grande (FURG), campus São Lourenço do Sul, de 18 a 20 de janeiro de 2023<sup>2</sup>. Guiada pela proposta do evento, de apresentar e discutir

<sup>1</sup> Professora adjunta na área de Linguística e Língua Portuguesa do Instituto de Letras e Artes. ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6492-2926>. E-mail: [barboza.gabrielab@gmail.com](mailto:barboza.gabrielab@gmail.com).

<sup>2</sup> Este artigo foi planejado, inicialmente, como uma apresentação oral, em formato de conferência para o evento descrito. Optei por manter alguns aspectos que remetem ao gênero — conferência — e ao público original — estudantes em nível inicial de graduação em Letras.

“alguns dos principais caminhos que a linguística saussuriana percorreu e tem percorrido na constituição da linguística dos nossos dias”, principalmente os que estão ligados a “quadros teóricos que se voltam às investigações de questões enunciativas, semânticas, semiológicas e discursivas”, procurei orientar minha contribuição em torno da relação entre os linguistas Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste.

Em uma entrevista de Gonçalo Tavares à revista *Cult*, em junho de 2017, o escritor angolano apresenta diversas reflexões sobre a linguagem e a modernidade. Destaco o seguinte trecho: “grande parte das batalhas essenciais da democracia são batalhas linguísticas. [...] A linguagem está sempre no centro da democracia” (Tavares, 2017, n.p.). Ainda que, nesse caso, Tavares refira-se especificamente a contextos democráticos e às disputas em torno deles, considero primordial destacar a centralidade que o autor confere à linguagem. Se ampliarmos a noção de *democracia* para o campo das organizações sociais, poderíamos dizer, então, que a linguagem está no centro da sociedade, que a ideia de civilização enquanto forma de organização de um dado grupo social está fortemente ligada à linguagem ou, até mesmo, que as questões sociais são muitas vezes questões linguísticas.

Não faltam exemplos de fatos noticiados que colocam em evidência as questões linguísticas nos debates da sociedade. Apresento apenas duas situações que considero bastante emblemáticas dessa relação de disputa. A primeira delas ocorreu em 2019, no Conselho de Direitos Humanos da Organização das Nações Unidas (ONU), em Genebra, para tratar de crimes e violações dos direitos humanos. O Brasil, representado por diplomatas, propôs veto a qualquer referência ao termo “gênero” em resoluções da ONU. Postura que causou perplexidade geral entre os representantes da maioria dos países integrantes do Conselho, a proposição foi adotada por apenas três países: Rússia, Paquistão e Arábia Saudita, cujos governos são amplamente reconhecidos por desrespeitar os direitos das mulheres e de outros grupos politicamente minoritários. Já a segunda situação é mais recente e trata da repercussão, nos portais de notícias brasileiros, da utilização do termo “todes” e de outros termos que apontam para a inclusão da “linguagem neutra” nos textos falados e escritos do atual governo brasileiro. Além de sua utilização figurar em alguns eventos oficiais, há registro de que a Agência Brasil, veículo oficial de imprensa ligado à Empresa Brasileira de Comunicação (EBC), utilizou termos inclusivos em respeito a diferentes orientações de gênero também em seus textos escritos.

Ambos os exemplos, para além das possibilidades de discussão sobre democracia, direitos humanos, estilos de governo etc., encaminham-nos, como profissionais da área de Letras, à ciência linguística – ou aos estudos da linguagem. As situações recém mencionadas também evidenciam algo que, desde meu ponto de vista, está no horizonte dos dois linguistas que pretendo aproximar, Saussure e Benveniste: a relação entre o ser humano e a linguagem. Apesar de ser uma relação absolutamente evidente, é preciso não perdê-la de vista. Concordo com Flores (2017) quando fala sobre Saussure e Benveniste e do pressuposto inegável que diz respeito ao fato de que a linguística integra as ciências humanas: “Com esses dois pensadores, somos obrigados a desconfiar do alinhamento da linguística a um modo de fazer ciência que

ignore o essencialmente humano, a capacidade simbólica de fazer sentido” (Flores, 2017, p. 12).

Ao organizar esta apresentação, coloquei-me a pensar sobre Saussure e Benveniste, e uma de minhas primeiras ações foi listar aquilo que eu já conhecia a respeito dessa relação. Sem fazer grande esforço, lembrei-me de pelo menos dez textos que já haviam colocado em diálogo, direta ou indiretamente, os dois linguistas.

Além disso, ao digitar *Saussure e Benveniste* na ferramenta de pesquisa *Google Acadêmico*, o número de resultados é surpreendente: 28.400 em 0,07 segundos! Certamente, nem todas as entradas na ferramenta devem servir à reflexão, mas a relativa facilidade com que consegui listar textos que colocam os dois linguistas em relação e o número expressivo de entradas para a busca na internet demonstram que, quando se trata de Saussure e Benveniste, a tentativa de estabelecer uma abordagem inovadora é, no mínimo, ingênua.

Diante disso, como estabelecer um texto minimamente adequado e relevante que trate dos dois linguistas? Como, parafraseando a citação de Benveniste que integra parte do título deste trabalho, “pedir à evidência” da relação entre Saussure e Benveniste que “se justifique” (Benveniste, 1995b, p. 285), que se explique? Parece-me que o melhor caminho é aceitar que um trabalho que aproxima Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste não deverá gerar surpresas, tampouco produzirá muito ineditismo. Com o objetivo de apresentar e discutir aspectos possíveis de relação entre os linguistas Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste, neste momento, o que posso oferecer a esse respeito é minha leitura, provisória – como todo e qualquer conhecimento científico –, com proposições ora claras ora por amadurecer.

Claudine Normand (1934-2011), grande intérprete de Saussure e de Benveniste (separada e conjuntamente), em um texto fundamental, intitulado *Saussure-Benveniste*, organiza os tipos de discurso que tratam da relação entre os dois linguistas e os classifica em cinco possibilidades:

1. discurso da filiação, em que se fala de continuidade, transmissão de saberes herdados e passados de uma “geração” de linguistas a outra;
2. discurso da novidade, que considera que Benveniste “livrou” os linguistas da clausura saussuriana e devolveu o sujeito e/ou a subjetividade à Linguística;
3. discurso da comparação, cuja principal ideia se centra na seguinte afirmação: “Saussure forneceu os princípios, os temas, o método; Benveniste aplicou-o em suas análises concretas que transformaram (ou simplesmente enriqueceram) de modo radical as descrições comparatistas” (Normand, 2009, p. 197);
4. discurso da interdisciplinaridade, através do qual se afirma que Saussure estabeleceu uma diferenciação entre a Linguística e as outras ciências conexas; Benveniste, por sua vez, dirige-se, dialoga com sociólogos, filósofos e também psicanalistas;
5. discurso da instituição universitária, que trata do “destino de ambos”: consagração acadêmica certa, notoriedade nas instituições por onde passaram, mas com o ônus da solidão intelectual.

A linguista, no entanto, decide abordar a relação entre Saussure e Benveniste a partir da ideia de *encontros*. Para Normand, “Benveniste encontrou Saussure naquilo que pode conhecer de seus escritos” (Normand, 2009, p. 197). Alinhando-me à autora, a perspectiva do *encontro* é a que procuro desenvolver aqui, através de dois pontos de ancoragem da leitura da obra de ambos, os quais guiarão a discussão proposta neste artigo: a Linguística Geral e a diversidade das línguas.

Antes de avançar na reflexão ligada à Linguística Geral e à diversidade das línguas, dada a especificidade do público a quem se destina essa apresentação, gostaria de apontar, ainda que brevemente, questões relativas: i) à contextualização biográfica de Saussure e Benveniste; e ii) às fontes utilizadas neste trabalho.

Ferdinand de Saussure (1857-1913) foi um linguista suíço cujas elaborações teóricas permitiram a fundação da linguística como ciência. Teve forte interesse por línguas da família indo-europeia, como sânscrito, gótico, lituano, alto-alemão etc. Sua formação inicial em Linguística teve início na Alemanha e, após, o linguista seguiu trabalhando na França, onde encontrou mais interlocução entre seus pares. No final de sua vida, retornou a Genebra para trabalhar na cátedra de Gramática Comparada, na Universidade de Genebra, onde, entre os anos letivos de 1906 e 1911, ministrou os cursos que, após sua morte, originaram a obra incontornável para todos os estudiosos da linguagem: o *Curso de Linguística Geral* (daqui em diante, CLG).

Émile Benveniste (1902-1976) foi um linguista que nasceu na Síria, em Alepo, com o nome de Ezra Benveniste e naturalizou-se francês em 1924. Vindo de uma família judaica, sua relação com múltiplas línguas, devido a características familiares e geopolíticas de seu país, dá-se desde o começo de sua vida: Benveniste esteve em contato, ainda na infância, com línguas como russo, turco, árabe, hebraico, francês e outras. De 1937 a 1969, foi professor da cátedra de Gramática Comparada no Collège de France – o mais alto espaço acadêmico da França na época e também na atualidade –, com interrupção de seu trabalho entre 1940 e 1945, pelo governo de Vichy, por “pertencer à raça judia”. É amplamente conhecido como o autor mais representativo da Linguística da Enunciação, mas seus interesses como linguista iam muito além disso: Linguística Geral, Linguística Comparada, Estudos de Antropologia, de Filosofia, de Psicanálise, de Literatura, entre outros.

Em relação às fontes consultadas para a produção deste texto, a perspectiva que procuro adotar está, de algum modo, alinhada ao que a historiógrafa da linguística Cristina Altman (2018) afirma a respeito da natureza das fontes de pesquisa: para a autora, todo material em que haja a produção de um conhecimento sobre a língua deve ter seu lugar assegurado nas pesquisas linguísticas. Embora reconheça a pertinência de pesquisas que contextualizam e problematizam o surgimento e a publicação de determinados textos de Saussure e de Benveniste, não farei distinção, aqui, entre obra publicada pelos autores em vida, notas manuscritas, cartas, livros organizados pelos estudantes, obras estabelecidas sem a autorização do autor a quem lhe é atribuída autoria. Para os propósitos desta reflexão, considero que todo e qualquer material que contenha alguma produção de conhecimento sobre a linguagem poderá ser relevante e, portanto, utilizado. Em outras palavras, retiro-me

da discussão que procura opor o “verdadeiro” Saussure de um Saussure supostamente “falseado” por concordar que “linguistas especializados ou não, aqueles a quem lhe importa a linguagem não podem trabalhar como se o *Curso de Linguística Geral* nunca tivesse existido” (Milner, 2003, p. 44). Também me coloco à margem do debate sobre a validade de se utilizar textos que não foram produzidos para serem publicados – caso das notas e das cartas de Saussure e de Benveniste.

## Linguística Geral

Ainda que Ferdinand de Saussure seja considerado o fundador da Linguística<sup>3</sup> como ciência moderna e amplamente conhecido pelo CLG, o sintagma “linguística geral” já era utilizado antes dele por estudiosos da linguagem. Sylvain Auroux (1988), ao estabelecer uma história da noção e do termo, conta-nos que se fala em linguística geral desde, pelo menos, 1860, por diversos estudiosos da linguagem à época – não necessariamente com o mesmo sentido proposto por Saussure. O autor aponta Hermann Paul (1846-1921) como um dos principais pesquisadores a firmar, na Alemanha, um projeto de linguística geral, com sua obra *Prinzipien der Sprachgeschichte*<sup>4</sup>. De modo geral, a ideia de uma linguística geral se estabelece em uma espécie de oposição à linguística histórica e comparada que se fazia à época, em uma tentativa de unificação de alguns elementos necessários para que se constituísse uma teoria.

Em relação a Saussure e a Benveniste, a linguística geral é um elemento fortemente presente nas reflexões de ambos e é o primeiro ponto de encontro do qual me ocupo a partir de agora. Tomemos como exemplo a capa do livro mais conhecido de cada um dos linguistas: *Curso de Linguística Geral*, de Ferdinand de Saussure, e *Problemas de Linguística Geral I* (daqui em diante, PLG I), de Émile Benveniste. Antes de abrir os livros, já se pode inferir, a partir da presença de “linguística geral” em seus títulos, que a ciência designada pela expressão, em alguma medida, une-os.

As aproximações vão além. Temos, de um lado, um livro cuja autoria é atribuída a Saussure. Como já se sabe, o CLG é baseado em notas de aula tomadas por alunos de Saussure nos cursos intitulados *Cursos de Linguística Geral*, de 1906-1907, 1908-1909 e 1910-1911, oferecidos na Universidade de Genebra. O livro foi organizado com base, principalmente, nas notas do terceiro curso (1910-1911) – fato que nunca foi ocultado, é importante mencionar – , como está anunciado no prefácio do livro, escrito por Charles Bally e Albert Sechehaye.

O título do livro de Benveniste – *Problemas de Linguística Geral I* –, publicado em 1966, também foi utilizado em um dos cursos ministrados pelo linguista sírio-francês em 1963-1964, no *Collège de France*. Em síntese, pelo menos três anos antes da publicação do livro, Benveniste já sistematizava suas ideias – e as apresentava a seus estudantes – em torno daquilo que entendia por linguística geral. No anuário do *Collège de France*, Benveniste resume o curso do ano letivo 1963-1964 da seguinte forma:

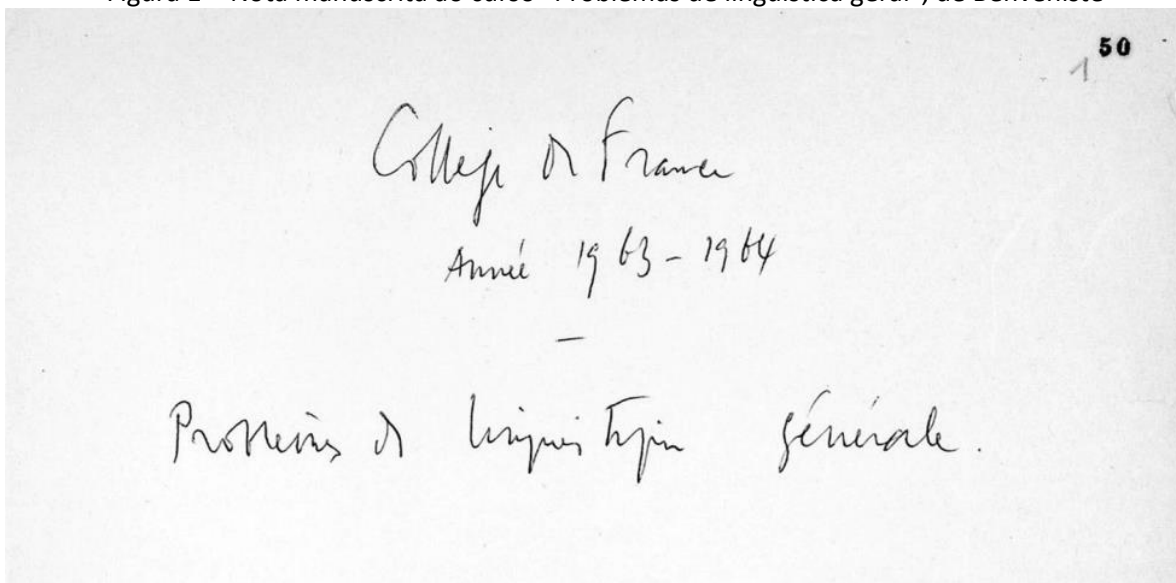
<sup>3</sup> Fundador no sentido de gerar novas discursividades em torno de um objeto do saber (Foucault, 2000).

<sup>4</sup> Em português: *Princípios da História da Linguagem*.

Os *problemas da linguística geral*, aos quais dedicamos as aulas de segunda-feira, são aqueles que Saussure ofereceu pela primeira vez à reflexão. Consideramos esse objeto singular que se tornou a língua desde que Saussure, em uma tomada de consciência histórica, devolveu-lhe sua natureza própria, e tentamos discernir o que faz dela irredutível a toda ordem de fenômenos<sup>5</sup> (Benveniste *apud* *Annuaire du Collège de France* 1964, p. 289, tradução própria).

Adicionalmente ao relato do anuário, há, também, nos arquivos tratados pelo *Institut des Textes et Manuscrits Modernes* (Instituto de Textos e Manuscritos Modernos) (ITEM), órgão localizado na *École Normale Supérieure* (ENS) e financiado pelo *Centre National de la Recherche Scientifique* (CNRS) – laboratório coordenado pela linguista geneticista Irène Fenoglio –, uma nota preparatória de Benveniste ao curso<sup>6</sup> “Problemas de Linguística Geral” em que está escrito “Collège de France”, “ano 1963-1964”, “Problemas de linguística geral”<sup>7</sup>, conforme Figura 1.

Figura 1 – Nota manuscrita ao curso “Problemas de linguística geral”, de Benveniste<sup>8</sup>



Fonte: Benveniste (*apud* Fenoglio, 2014, p. 80).

A informação a respeito da existência de um curso chamado “Problemas de Linguística Geral” demonstra que essa expressão, que dá título ao livro mais célebre de Benveniste (o primeiro volume de PLG), não foi pensada exclusivamente para nomeá-lo. Os problemas de

<sup>5</sup> No original: “Les problèmes de linguistique générale, auxquels nous avons consacré les leçons du lundi, sont ceux que Saussure a le premier proposés à la réflexion. Nous avons considéré cet objet singulier qu’est devenu la langue depuis que Saussure, en une prise de conscience historique, l’a restituée dans sa nature propre, et nous avons essayé de discerner ce qui en fait quelque chose d’irréductible à tout ordre de phénomènes”.

<sup>6</sup> Essa nota manuscrita está disponível no Acervo Émile Benveniste da Biblioteca Nacional da França, com o código PAP. OR. 43, env. 105, f. 50.

<sup>7</sup> No original: “année 1963-1964”, “Problèmes de linguistique générale”.

<sup>8</sup> Há um debate necessário a ser feito a respeito de o sintagma “Problemas de Linguística Geral” se referir, concretamente, a um curso ou a um tópico das aulas de segunda-feira. Entretanto, por não ser o escopo desta pesquisa, a discussão será feita em futuros trabalhos, com mais elementos de análise do que os ora apresentados.

linguística geral parecem ser uma reflexão, seguramente de herança saussuriana e meilletiana, anterior ao livro, bastante longa e que foi debatida e aperfeiçoada ao longo da preparação de seus cursos em 1963-1964 (Fenoglio, 2014). A publicação do livro pode ser entendida, então, como uma espécie de culminância de seus estudos desenvolvidos em artigos (uma vez que todos os capítulos contidos no PLG I haviam sido publicados em periódicos anteriormente), mas também em aulas, com seus estudantes, conforme demonstram as fontes consultadas.

Além do título, outra maneira de se vislumbrar, mesmo que em linhas muito gerais, do que trata um livro antes de lê-lo em sua integralidade é ler o seu sumário. A partir de uma chave de leitura estabelecida, é possível fazer perguntas e, assim, buscar respostas, mesmo que provisórias. A chave que adotei para a leitura dos sumários do CLG e dos PLG I e II foi: o que eles podem me dizer sobre linguística geral? A seguir, para fins de ilustração do raciocínio que pretendo desenvolver, está uma adaptação do sumário das obras. Estes estão dispostos imediatamente um após o outro para facilitar a leitura em comparação.

Figura 2 – Síntese do sumário do CLG

ÍNDICE		
PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA	XIII	
PREFÁCIO À PRIMEIRA EDIÇÃO.	1	
PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO.	4	
PREFÁCIO À TERCEIRA EDIÇÃO.	5	
INTRODUÇÃO		
CAPÍTULO I — <i>Visão geral da história da Linguística.</i>	7	
CAPÍTULO II — <i>Matéria e tarefa da Linguística; suas relações com as ciências conexas.</i>	13	
CAPÍTULO III — <i>Objeto da Linguística.</i>		
CAPÍTULO IV — <i>Linguística da língua e linguística da fala.</i>	26	
CAPÍTULO V — <i>Elementos internos e elementos externos da língua.</i>	29	
CAPÍTULO VI — <i>Representação da língua pela escrita.</i>		
CAPÍTULO VII — <i>A Fonologia.</i>		
APÊNDICE		
PRINCÍPIOS DE FONOLOGIA		
CAPÍTULO I — <i>As espécies fonológicas.</i>		
CAPÍTULO II — <i>O fonema na cadeia falada.</i>		
PRIMEIRA PARTE		
PRINCÍPIOS GERAIS		
CAPÍTULO I — <i>Natureza do signo lingüístico.</i>		
CAPÍTULO II — <i>Imutabilidade e mutabilidade do signo.</i>		
CAPÍTULO III — <i>A Linguística estática e a Linguística evolutiva.</i>		
SEGUNDA PARTE		
LINGÜÍSTICA SINCRÔNICA		
CAPÍTULO I — <i>Generalidades.</i>	117	
CAPÍTULO II — <i>As entidades concretas da língua.</i>		
CAPÍTULO III — <i>Identidade, realidades, valores.</i>	125	
CAPÍTULO IV — <i>O valor lingüístico.</i>		
CAPÍTULO V — <i>Relações sintagmáticas e relações associativas.</i>		
CAPÍTULO VI — <i>Mecanismo da língua.</i>		
CAPÍTULO VII — <i>A Gramática e suas subdivisões.</i>		
CAPÍTULO VIII — <i>Papel das entidades abstratas em Gramática.</i>	160	
TERCEIRA PARTE		
LINGÜÍSTICA DIACRÔNICA		
CAPÍTULO I — <i>Generalidades.</i>		163
CAPÍTULO II — <i>As mudanças fonéticas.</i>		167
CAPÍTULO III — <i>Conseqüências gramaticais da evolução fonética.</i>		
CAPÍTULO IV — <i>A analogia.</i>		
CAPÍTULO V — <i>Analogia e evolução.</i>		
CAPÍTULO VI — <i>A etimologia popular.</i>		202
CAPÍTULO VII — <i>A aglutinação.</i>		
CAPÍTULO VIII — <i>Unidades, identidades e realidades diacrônicas.</i>		209
QUARTA PARTE		
LINGÜÍSTICA GEOGRÁFICA		
CAPÍTULO I — <i>Da diversidade das línguas.</i>		221
CAPÍTULO II — <i>Complicações da diversidade geográfica.</i>		
CAPÍTULO III — <i>Causas da diversidade geográfica.</i>		
CAPÍTULO IV — <i>Propagação das ondas lingüísticas.</i>		
QUINTA PARTE		
QUESTÕES DE LINGÜÍSTICA RETROSPECTIVA		
CONCLUSÃO		
CAPÍTULO I — <i>As duas perspectivas da Linguística diacrônica.</i>		247
CAPÍTULO II — <i>A língua mais antiga e o protótipo.</i>		251
CAPÍTULO III — <i>As reconstruções.</i>		
CAPÍTULO IV — <i>O testemunho da língua em Antropologia e em Pré-História.</i>		
CAPÍTULO V — <i>Famílias de línguas e tipos lingüísticos.</i>		268
ÍNDICE ANALÍTICO.		273

Fonte: Adaptado de Saussure (1995) pela autora.

Figura 3 – Síntese do sumário dos PLG I e II

SUMÁRIO		SUMÁRIO	
<i>Prefácio</i> .....	XI	<i>Prefácio</i> .....	7
<b>Primeira parte – Transformações da linguística</b>		<b>Primeira parte — Transformações da linguística</b>	
<i>Capítulo 1.</i> Tendências recentes em linguística geral .....	3	<i>Capítulo 1.</i> Estruturalismo e linguística .....	11
<i>Capítulo 2.</i> Vista d'olhos sobre o desenvolvimento da linguística .....	19	<i>Capítulo 2.</i> Esta linguagem que faz a história .....	29
<i>Capítulo 3.</i> Saussure após meio século .....	34	<b>Segunda parte — A comunicação</b>	
<b>Segunda parte – A comunicação</b>		<b>Segunda parte — A comunicação</b>	
<i>Capítulo 4.</i> Natureza do signo linguístico .....	53	<i>Capítulo 3.</i> Semiologia da língua .....	43
<i>Capítulo 5.</i> Comunicação animal e linguagem humana .....	60	<i>Capítulo 4.</i> A linguagem e a experiência humana .....	68
<i>Capítulo 6.</i> Categorias de pensamento e categorias de língua .....	68	<i>Capítulo 5.</i> O aparelho formal da enunciação .....	81
<i>Capítulo 7.</i> Observações sobre a função da linguagem na descoberta freudiana .....	81	<b>Terceira parte — Estruturas e análises</b>	
<b>Terceira parte – Estruturas e análises</b>		<b>Terceira parte — Estruturas e análises</b>	
<i>Capítulo 8.</i> “Estrutura” em linguística .....	97	<i>Capítulo 6.</i> Estrutura da língua e estrutura da sociedade .....	93
<i>Capítulo 9.</i> A Classificação das línguas .....	105	<i>Capítulo 7.</i> Convergências tipológicas .....	105
<i>Capítulo 10.</i> Os níveis da análise linguística .....	127	<i>Capítulo 8.</i> Mecanismos de transposição .....	115
<i>Capítulo 11.</i> O sistema sublógico das preposições em latim .....	141	<i>Capítulo 9.</i> As transformações das categorias linguísticas .....	129
<i>Capítulo 12.</i> Para a análise das funções casuais: o genitivo latino .....	150	<i>Capítulo 10.</i> Para uma semântica da preposição alemã <i>vor</i> .....	140
<b>Quarta parte – Funções sintáticas</b>		<b>Quarta parte — Funções sintáticas</b>	
<i>Capítulo 13.</i> A frase nominal .....	163	<i>Capítulo 11.</i> Fundamentos sintáticos da composição nominal .....	147
<i>Capítulo 14.</i> Ativo e médio no verbo .....	183	<i>Capítulo 12.</i> Formas novas da composição nominal .....	165
<i>Capítulo 15.</i> A construção passiva do perfeito transitivo .....	192	<i>Capítulo 13.</i> Estrutura das relações de auxiliariade .....	181
<i>Capítulo 16.</i> “Ser” e “ter” nas suas funções linguísticas .....	204	<b>Quinta parte — O homem na língua</b>	
<i>Capítulo 17.</i> A frase relativa, problema de sintaxe geral .....	228	<i>Capítulo 14.</i> O antônimo e o pronome em francês moderno .....	201
<b>Quinta parte – O homem na língua</b>		<i>Capítulo 15.</i> A forma e o sentido na linguagem .....	220
<i>Capítulo 18.</i> Estrutura das relações de pessoa no verbo .....	247	<b>Sexta parte — Léxico e cultura</b>	
<i>Capítulo 19.</i> As relações de tempo no verbo francês .....	260	<i>Capítulo 16.</i> Difusão de um termo de cultura: o latim <i>orarium</i> .....	245
<i>Capítulo 20.</i> A Natureza dos pronomes .....	277	<i>Capítulo 17.</i> Gênese do termo “scientificque” .....	252
<i>Capítulo 21.</i> Da subjetividade na linguagem .....	284	<i>Capítulo 18.</i> A blasfemia e a eufemia .....	259
<i>Capítulo 22.</i> A filosofia analítica e a linguagem .....	294	<i>Capítulo 19.</i> Como se formou uma diferenciação lexical em francês .....	263
<i>Capítulo 23.</i> Os verbos delocutivos .....	306	<i>Capítulo 20.</i> Dois modelos linguísticos da cidade .....	278
<b>Sexta parte – Léxico e cultura</b>		<i>Índice remissivo</i> .....	289
<i>Capítulo 24.</i> Problemas semânticos da reconstrução .....	319		
<i>Capítulo 25.</i> Eufemismos antigos e modernos .....	340		
<i>Capítulo 25.</i> Dom e troca no vocabulário indo-europeu .....	348		
<i>Capítulo 27.</i> A noção de “ritmo” na sua expressão linguística .....	361		
<i>Capítulo 28.</i> Civilização: contribuição à história da palavra .....	371		
<i>Índice remissivo</i> .....	383		

Fonte: Adaptado de Benveniste (1995b, 2006) pela autora.

Em linhas gerais, com base no sumário adaptado, o que se pode dizer da linguística geral de Saussure? Trata-se de uma linguística que tem objeto e princípios definidos, que divide a linguística, de um lado, em sincrônica – com seus conceitos-chave, como, por exemplo, valor, entidades concretas, relações sintagmáticas e associativas, entre outros – e, de outro, em diacrônica/retrospectiva, também com suas especificidades de fenômenos e conceitos – mudanças fonéticas, analogia, reconstruções, protótipos de língua, diversidade das línguas, linguística geográfica etc.

Publicado cinquenta anos após o lançamento do CLG, o livro de Benveniste apresenta um sumário dividido em cinco partes, que parecem compor um panorama do que o linguista sírio-francês entendia por linguística geral. Fazer linguística geral, para Benveniste, é tratar de: a) transformações da linguística, com forte ênfase em Saussure; b) comunicação, com reflexões sobre a natureza do signo linguístico, a diferença entre animais e humanos em torno da linguagem etc.; c) análises de estruturas, com textos sobre estrutura, classificação das línguas, preposição e genitivo latinos; d) problematizar funções sintáticas, com análises sobre a frase nominal, as vozes ativa e média no verbo latino; e) defender e demonstrar que o homem está na língua, a partir de reflexões teóricas e análises em torno de relações de pessoa no verbo, diferentes formas de expressão do tempo no verbo francês, natureza dos pronomes,



subjetividade na linguagem etc.; e f) analisar relações entre léxico e cultura, com os métodos principalmente da linguística comparativa entre línguas da família indo-europeia.

Na leitura dos sumários em cotejo, é relevante notar que se destaca – entre outros elementos –, em ambos, a presença da linguística comparada – ou, pelo menos, de seus métodos. Em Saussure, as partes “Linguística sincrônica”, “Linguística diacrônica” e “Questões de linguística retrospectiva” são, incontestavelmente, tributárias dos estudos comparativos de línguas – elementos como, por exemplo, “mudanças fonéticas” (capítulos II e III da segunda parte), “protótipos de língua” (capítulos II e III da quinta parte), “reconstruções” (capítulo III da quinta parte), “língua em antropologia e pré-história” (capítulo IV da quinta parte) me permitem fazer tal afirmação. Benveniste, por sua vez, também coloca em evidência, no sumário, estudos ligados a esse ramo – como atestam os textos ligados a preposições em latim (capítulos 11 e 12 da terceira parte – PLG I), ao genitivo (capítulos 16 e 18 da sexta parte – PLG II), às análises de funções sintáticas (quarta parte dos PLG I e II), às reconstruções e seus problemas semânticos (capítulo 24 da sexta parte – PLG I) etc. Cabe lembrar que, embora Benveniste seja mais fortemente ligado à sua teoria da enunciação, a cátedra que ocupava, desde 1937, no Collège de France, chamava-se Gramática Comparada. É importante destacar, ainda, que o linguista é largamente reconhecido (principalmente em outros países) como um comparatista, especialista em línguas indo-europeias, principalmente – por influência de seu mestre Meillet – o iraniano.

A partir dessa breve observação dos sumários, é possível depreender que a Linguística Geral, tanto para Saussure como para Benveniste, é uma ciência fortemente ligada aos estudos de Linguística Comparativa. De fato, essa é, para ambos, sua formação inicial e também a área pela qual inicialmente foram cientificamente reconhecidos. Não parece haver, em Saussure, uma ruptura radical entre o comparativismo e a Linguística Geral a ponto de o autor abrir mão dos métodos daquele para produzir uma reflexão sobre esta. O que os sumários e a pesquisa indicam é que ocorre, com o linguista genebrino, uma reconfiguração da relação entre o papel da Linguística em relação à História ou à Antropologia – e isso é primordial na constituição da Linguística como ciência independente de outras. Saussure demonstra discordar do pensamento, comum à época até mesmo entre os linguistas, de que “as línguas fossem uma fonte inesgotável de documentos acerca dos povos que as falavam e de sua história”. O linguista suíço se posiciona frontalmente contrário a esse tipo de postura: “Ora, não me parece que se possa pedir a uma língua ensinamentos desse gênero” (Saussure, 1995, p. 262). Trata-se de definir o papel e as tarefas da Linguística e, portanto, do linguista, e de distanciá-los do lugar de “auxiliares” de outras áreas das ciências humanas. Ao entender, por exemplo, a diacronia como uma sucessão de sincronias – e não como um método de explicação de fatos históricos –, Saussure, sem abrir mão do método comparativo, “muda o jogo”: a Linguística, para ele, não está a serviço de outras áreas, mas justamente o contrário; ao considerar a língua como o principal sistema semiológico, Saussure coloca a Linguística no centro do debate e a transforma, de fato, no modelo de todas as outras ciências (Saussure, 1995).

Benveniste, por seu turno, parece seguir um caminho semelhante ao do genebrino ao se manter fortemente ligado – ousou dizer que com tanta ou mais intensidade do que Saussure – às práticas comparatistas. A linguística geral benvenistiana absorve e incorpora, de certo modo, a linguística comparativa. Isso não equivale, de nenhuma maneira, a dizer que a linguística geral de Benveniste é uma linguística comparada, mas é possível afirmar que sua linguística geral contempla, entre outros aspectos, muitos elementos herdados da linguística comparativa. No período em que Benveniste refletiu e escreveu sobre a Linguística Geral, diferentemente do período em que Saussure o fez, já não havia tanta urgência e necessidade de marcar enfaticamente a diferença entre campos, uma vez que a Linguística como ciência estava estabelecida. Reivindicando sempre suas contribuições enquanto linguista, Benveniste não abre mão de se valer das reflexões e da prática oriundas da Linguística Histórica e da Linguística Comparada, assim como não abre mão de dialogar com outros campos do saber cujo foco perpassa, em maior ou menor medida, a relação do homem com a língua e/ou com a linguagem. De fato, o que está no cerne do debate que interessa ao linguista sírio-francês, ao longo da reflexão benvenistiana, é a relação do homem com a língua, com as línguas, com sua língua por meio da significação entendida aqui como um dos operadores da relação homem-língua.

A respeito das reflexões em torno da Linguística Geral em Benveniste, Fenoglio (2014, p. 72) considera que

[a] Linguística Geral oferece uma nova orientação às pesquisas de gramática comparada, abrindo um espaço para a teoria geral da língua, desenvolvendo e amplificando os trabalhos de gramática histórica e comparativa das línguas indo-europeias, bem como outros de tipos de línguas. Trata-se de uma linguística teórica que se interroga sobre a constituição e a própria organização do linguístico e sobre os métodos de análise que permitem revelá-lo (Fenoglio, 2014, p. 72, tradução própria)<sup>9</sup>.

Benveniste reafirma o lugar e os limites da linguística, bem como as contribuições e o papel do linguista em relação às ciências humanas – assim como o fez Saussure – quando, por exemplo, no prefácio do livro *Vocabulário das instituições indo-europeias*, ao delinear os limites de seu trabalho de “mostrar como as línguas reorganizam seus sistemas de distinções e renovam seu aparato semântico” (1995a, p. 9), ao tratar do vocabulário das instituições (entendidas como governo, religião, relações sociais, técnicas, modos de vida etc.), defende que

---

<sup>9</sup> No original: “La linguistique générale offre une nouvelle orientation aux recherches de grammaire comparée en ouvrant un espace à la théorie générale sur la langue, en développant et amplifiant les travaux de grammaire historique et comparée des langues indo-européennes ainsi que d'autres types de langues. Il s'agit d'une linguistique théorique qui s'interroge sur la constitution et l'organisation même du linguistique et sur les méthodes d'analyses permettant de le faire apparaître”.

o aspecto histórico e sociológico dos processos fica a cargo de terceiros. [...] Elucidamos a significação; outros se encarregarão da designação. [...] Os historiadores e sociólogos verão melhor o que podem aproveitar das presentes análises, nas quais não entra nenhum pressuposto extralinguístico (Benveniste, 1995a, p. 9).

À questão relativa ao lugar da língua “entre os sistemas semiológicos”, Benveniste afirma que é um lugar “muito particular”, pois ela “é o interpretante de todos os outros sistemas, linguísticos e não linguísticos” (Benveniste, 2006, p. 61). O sírio-francês explica que “nenhum outro sistema dispõe de uma ‘língua’ na qual possa se categorizar e se interpretar segundo suas distinções semióticas, enquanto a língua pode, em princípio, tudo categorizar e interpretar, inclusive ela mesma” (Benveniste, 2006, p. 62).

Se, por um lado, no CLG, observamos Saussure postular que a língua, “o mais completo e o mais difundido sistema de expressão, é também o mais característico de todos” e, por isso, defender que “a linguística pode erigir-se em padrão de toda Semiologia” (Saussure, 1995, p. 82), por outro, lado vemos Benveniste resguardar com mais intensidade o lugar da língua como o centro e o lugar da linguística como padrão das demais ciências humanas.

Em busca da significância da língua, compreendida como “a possibilidade de toda troca e de toda comunicação, e também de toda cultura” (Benveniste, 2006, p. 61), o linguista propõe a relação de interpretância, conceito que trata do fato – brevemente abordado no parágrafo anterior – de que “toda semiologia de um sistema não linguístico deve pedir emprestada a interpretação da língua, não pode existir senão pela e na semiologia da língua” (Benveniste, 2006, p. 60). Em suas teorizações, o linguista sustenta que, por meio da relação de interpretância, “a língua contém a sociedade” (Benveniste, 2006, p. 63). Esse princípio se manifesta em diversas de suas análises, o que me leva a hipotetizar que Benveniste realiza, ao mesmo tempo integralmente e com outros contornos, a semiologia prevista por Saussure e propõe sua própria semiologia, de um tipo específico: a semiologia linguística. Com isso, observamos, como leitores, Benveniste assumir para si e desempenhar uma das tarefas do linguista anunciadas por Saussure: “definir o que faz da língua um sistema especial no conjunto dos fatos semiológicos” (Saussure, 1995, p. 24).

### **As línguas, a língua e os linguistas: o estudo de diversas línguas por Saussure e Benveniste**

A relação que destaco nesta seção decorre diretamente da discussão que busquei estabelecer até então: o interesse de Saussure e de Benveniste por línguas. Trata-se, na verdade, de mais uma obviedade – é evidente que um linguista se interessa por línguas –, e a evidência se mantém entre os estudiosos da linguagem contemporâneos. Além do mais, dadas as especificidades da formação acadêmica em gramática comparada de ambos os linguistas, é válido lembrar que fazer linguística comparada significava e significa, entre outras definições, conhecer e pesquisar muitas línguas (o que é diferente de falar muitas línguas). Saussure e Benveniste não fogem a essa “regra”, talvez até a excedam no que diz respeito à quantidade de línguas por eles investigadas, mas isso precisaria ser mais aprofundado em um outro estudo. Como mais uma evidência decorrente da postura dos dois linguistas, é preciso

“assinalar o lugar que lhe cabe” (Saussure, 1995a, p. 82) na esteira dessa discussão. É o que almejo esboçar a partir de agora.

A existência de diversas línguas é um fato para o qual se busca uma explicação desde sempre. Cada povo, em seus mitos de origem, procura explicar o fato de que falamos línguas diferentes, o mito mais difundido na cultura ocidental é o judaico-cristão da torre de Babel; mas há outros.

A importância das línguas está dada, em Saussure, ao longo de toda sua obra. Sumarizo, a seguir, alguns dos momentos, encontrados em diferentes fontes, em que a relevância das línguas é destacada.

- a) Na parte em que se refere às tarefas da linguística, o que, independentemente do que seja feito em linguística, deve ser feito com o maior número possível de línguas.
- b) No primeiro capítulo da quarta parte, intitulado “Da diversidade das línguas”, em que o linguista afirma que “o que primeiro surpreende no estudo das línguas é sua diversidade, as diferenças linguísticas que se apresentam quando se passa de um país a outro, ou mesmo de um distrito a outro” (Saussure, 1995, p. 221). Diferentemente do que a organização do CLG nos leva a pensar, a reflexão de Saussure, em seu terceiro curso ministrado na Universidade de Genebra, parte do específico – a diversidade das línguas – para o geral: as generalizações que a observação das línguas lhe permite fazer sobre a língua.
- c) Nos *Escritos de linguística geral*, compilado de notas manuscritas publicado postumamente por Simon Bouquet e Rudolf Engler, em que Saussure adverte que “querer estudar a linguagem sem se dar ao trabalho de estudar suas diversas manifestações que, evidentemente, são as línguas, é uma empreitada absolutamente inútil e quimérica” (Saussure, 2004, p. 128).
- d) Na versão do curso organizada por Rudolf Engler, em que há a reiteração de que é impossível, para o linguista, considerar estudar qualquer outra coisa, no começo, que não seja a “diversidade das línguas” (Flores, 2023).

Já no que concerne à relação de Benveniste com as línguas, penso que ele é o linguista modelar de Saussure, principalmente, mas não só, no que diz respeito a estudar “todas as línguas que puder abranger” (Saussure, 1995, p. 13) – uma das tarefas da linguística. Roland Barthes, no texto *Por que gosto de Benveniste*, caracteriza o linguista como “um linguista das línguas” para referir que ele não era “apenas um linguista da linguagem” (Barthes, 2004, p. 209). Embora essa seja uma qualificação da qual ninguém discorda, por ser a condensação de uma prática pessoal (por falar muitas línguas, ainda que não se saiba o número exato) e profissional de Benveniste, dizer que ele é um linguista das línguas não nos informa muito a respeito da relação do linguista sírio-francês com as línguas.

A respeito disso, Sara Luiza Hoff avalia que, ainda que a classificação de Benveniste como linguista das línguas seja bastante expressiva, ela não dá conta da natureza da relação entre Benveniste com as línguas. Em função disso, a linguista, com o intuito de colaborar “para

elucidar ainda mais a sua teoria da linguagem”, entende ser “imperativo melhor situar o modo como as línguas são utilizadas por ele em seus estudos” (Hoff, 2023, p. 19). A pesquisadora elenca quantas são, quais são e como as línguas compõem na obra de Benveniste, além de especificar, em profundidade, que papéis essas línguas desempenham ao longo dos escritos do linguista. Nas onze obras analisadas do universo de publicações do sírio-francês, Hoff (2023) cataloga 470 línguas diferentes<sup>10</sup>. Não se trata de um erro de digitação: a linguista contabilizou, de fato, 470 diferentes línguas nos escritos pesquisados.

Hoff (2023) observa algumas regularidades nos diferentes papéis desempenhados pelas línguas na reflexão de Benveniste e, a partir disso, afirma que “é somente a partir do estudo empírico das línguas que é possível chegar a um saber sobre a linguagem” (Hoff, 2023, p. 80). As línguas constituem, para a autora, o sustentáculo de qualquer análise. Por isso, exercem um papel operatório, o que significa que funcionam como um modo de olhar que é imprescindível para a elaboração e o estabelecimento da teoria benvenistiana.

Em suas obras, além de *dizer* que o estudo das línguas é necessário para que se possa teorizar sobre a língua, Benveniste *mostra* de onde se deve partir e como se deve proceder para propor qualquer generalização sobre o objeto de estudos do linguista: o ponto de partida é o trato com as línguas, o “como” é obtido ao se observar o maior número possível de fatos de língua em torno da questão pretendida. Com esse linguista, aprendemos, para além de suas proposições de cunho teórico, um modo de fazer linguística, observamos uma ética do fazer linguístico, que tem repercussões importantes na prática do linguista.

A esse propósito, Flores (2021) aborda, a partir de uma reflexão presente em Auroux (2009), a temática da ética da pesquisa em linguística a partir dos escritos de Benveniste, que considero pertinente ao campo como um todo. Na contramão da postura das demais ciências, que, de modo geral, costumam ter interesse pela repercussão de suas pesquisas, a linguística parece “acometida por um total desinteresse em relação às consequências de suas descobertas” (Flores, 2021, p. 148). O linguista brasileiro desenvolve seu argumento e considera que a concepção de que a cientificidade da linguística estaria garantida somente caso se abrisse mão da sua relação com o real “tem, entre suas consequências, a ausência do linguista da discussão de vários temas políticos e sociais sobre os quais a linguística poderia ter muito a dizer” (Flores, 2021, p. 148).

Claudine Normand, ao tratar da relação entre Saussure e Benveniste, entende que o sírio-francês foi um dos poucos linguistas capazes de reconhecer a relevância, no delineamento de uma linguística geral, da formação em línguas de Saussure. A linguista aponta para o fato de que, no período em que Benveniste ministrava suas aulas, havia poucos linguistas que tinham tamanho conhecimento sobre línguas quanto ele, o que, de certo modo, demonstra uma espécie de declínio dos estudos comparatistas<sup>11</sup>:

<sup>10</sup> Em outros termos, a pesquisadora adota um critério glossonímico para considerar uma língua como língua. Apoiada na regra de Alexandre (*apud* Hoff, 2023), Hoff (2023) assume a postura de que “há uma língua” sempre que “há um nome diferente, desde que as diferentes designações não sejam declaradamente variantes umas das outras ou não correspondam a variações ortográficas” (Hoff, 2023, p. 43).

<sup>11</sup> Não quero, com isso, afirmar que a linguística comparada deixou de existir, mas que, de fato, passou a desempenhar outro papel no escopo da linguística.

[O]s “novos” linguistas, não formados no comparatismo, descobrindo Saussure nas décadas de 1960 e 1970, de modo geral, negligenciaram esse setor que supunha um conhecimento de línguas antigas, desde esse momento largamente em vias de desaparecimento. De Saussure, eles mantiveram apenas a novidade teórica, que muitas vezes permaneceu completamente abstrata e afastada do método de descrição (Normand, 2010, p. 182, tradução própria)<sup>12</sup>.

Talvez por ter uma formação semelhante, Benveniste foi capaz de ver, na obra de Saussure, elementos que eram pouco ou menos valorizados por outros linguistas. No que diz respeito a reconhecer a relevância da formação em línguas de Saussure para a construção de uma linguística geral, considero que, além de ratificar a importância do trato com o maior número de línguas que se puder abranger, Benveniste dá outros contornos a seu próprio fazer, principalmente em função do seu trabalho com línguas não eurocentradas – é o caso, por exemplo, das pesquisas feitas em torno de línguas indígenas faladas no Alasca. Por compreender que “é das línguas que se ocupa o linguista e [que] a linguística é em primeiro lugar a teoria das línguas” (Benveniste, 2005, p. 20), Benveniste amplia seu horizonte de línguas estudadas e realiza duas expedições ao Alasca para pesquisar as línguas haida, tlingit, gwich'in (cheloux), tutchone do sul, esquimó, entre outras, mas também para “[...] tomar conhecimento direto dos problemas ameríndios em sua realidade viva” (Benveniste, 1952 *apud* Laplantine, 2013, p. 4, tradução própria)<sup>13</sup>.

Ao propor a discussão sobre a ética do linguista a partir da teorização e do fazer de Benveniste, Flores (2021) joga luz a elementos que apontam para uma postura ética sobre fazer linguística em Benveniste a partir das notas manuscritas sobre “a axiologia” (Benveniste *apud* Fenoglio, 2019), mas também, ainda que em menor medida, a partir de *Noms d’agent et noms d’action en indo-européen* (1993) e *Vocabulário das Instituições indo-europeias* (1995a). Após desenvolver seu raciocínio sobre a ética do linguista em Benveniste, o autor finaliza a argumentação de seu artigo com as seguintes questões:

[...] [A] ética do linguista não estaria, neste caso, do lado daquele que mostra como a língua pode indicar que há na sociedade realidades que merecem a atenção crítica de todos? A língua não conteria os preconceitos, as injustiças e as mazelas da sociedade? Não estaria aí uma indicação forte de que Saussure tem razão ao considerar que a “tarefa do linguista é [...] denunciá-los e dissipá-los [preconceitos, miragens, ficções]?” (Saussure, 1975, p. 14) (Flores, 2021, p. 166).

As perguntas retóricas de Flores parecem ressaltar aquilo que Benveniste tem a contribuir na construção de uma ética da prática linguística, a partir de, principalmente, seu trato com as mais diversas línguas. Para o maior intérprete de Benveniste no Brasil, a ética do linguista está justamente “no reconhecimento que de sua prática pode advir um saber que tem efeito para além do aparato metodológico do qual ela faz parte” (Flores, 2021, p. 164).

<sup>12</sup> Original: “[...] les 'nouveaux' linguistes, non formés au comparatisme, découvrant Saussure dans les années 60-70, ont généralement négligé ce secteur qui supposait une connaissance des langues anciennes dès ce moment largement en voie de disparition. De Saussure ils ne retenaient que la nouveauté théorique, restée souvent complètement abstraite et détachée de la méthode de description”.

<sup>13</sup> Original : “[...] prendre une connaissance directe des problèmes amérindiens dans leur réalité vivante”.

Diante do que foi apresentado e discutido até aqui, é possível afirmar que, tanto para Saussure quanto para Benveniste, as línguas estão no centro da reflexão sobre a língua. No prefácio de PLG I, Benveniste já antecipa ao leitor o tamanho do papel desempenhado pelas línguas ao longo de sua obra mais célebre: para o autor, a pesquisa em Linguística “só produz frutos quando se apoia, primeiro, sobre as línguas reais. O estudo desses organismos empíricos, históricos, que são as línguas permanece o único acesso possível à compreensão dos mecanismos gerais e do funcionamento da linguagem” (Benveniste, 1995a, prefácio). Ademais, é possível pensar que o sírio-francês assumiu os ensinamentos de Saussure, como, por exemplo, quando o genebrino afirma que “o que nos é dado são as línguas. O linguista está obrigado a conhecer o maior número possível delas para tirar, por observação e comparação, o que nelas exista de universal” (Saussure, 1995, p. 33). De fato, Benveniste, em entrevista de 1968 a Guy Dumur, afirma algo muito semelhante ao tratar das diferenças entre o filólogo e o linguista: “[...] o linguista tem necessidade de conhecer o maior número possível de línguas para definir a linguagem” (Benveniste, 2006, p. 30).

É através de uma observação que parte do específico e do empírico – cada língua se organiza a seu modo, todas as línguas se organizam de algum modo – que se torna possível desenvolver seu raciocínio e estabelecer uma generalização acerca da língua: se todas as línguas se organizam de algum modo (cada uma é um sistema de valores específicos a essa língua), o que há de comum a elas não é o modo como se organizam, mas o fato de que se organizam; logo, a língua (enquanto generalização das/teorização sobre as línguas) é um sistema. Isso poderia ser formulado da seguinte forma: do ponto de vista fenomenológico, as línguas (empíricas) são a realização da língua (teórica). Essa realização só acontece porque temos, como humanos, a faculdade (capacidade) da linguagem. Assim, a diversidade das línguas e seus respectivos estudos de descrição, comparação e análise são, para Saussure e Benveniste, a única via que lhes permite propor teorizações sobre língua e linguagem. A relação entre o empírico e o teórico, entre o particular e o universal é, para ambos os linguistas, crucial e condição para que se possa, de fato, fazer qualquer generalização e/ou teorização sobre a língua que se pretenda universal.

### Considerações finais

É tempo de encerrar a discussão. Para isso, recupero as palavras de Normand sobre o “encontro” de Saussure por Benveniste: “Benveniste encontrou Saussure no que pôde conhecer de seus escritos; muitos linguistas [...] encontraram ambos em escritos que se tornaram mais que abundantes”, pois, “mais do que referências”, os dois linguistas se tornaram presença: “[...] ambos se impuseram e se impõem ainda hoje para quem se interessar por linguagem” (Normand, 2009, p. 198). A afirmação da linguista, publicada originalmente em 2003, no periódico *Cahiers Ferdinand de Saussure*, sobre o fato de que Saussure e Benveniste *se impõem* a todos os pesquisadores que se interessam por linguagem, permanece válida na atualidade. De fato, tanto um quanto outro são o que se pode chamar de autores incontornáveis da linguística: para um estudioso da linguagem,

independentemente do campo a que se dedique, Saussure e Benveniste comparecem, cada um a seu modo e por diferentes motivos, pelo menos, como linguistas dos fundamentos, das bases. Procurei demonstrar que, para além dos fundamentos, ambos têm ensinamentos bastante relevantes à Linguística e aos linguistas do século XXI.

Falar de pontos de encontro foi a trajetória que escolhi traçar nesta apresentação. Espero ter conseguido demonstrar, de algum modo, a proximidade entre os dois linguistas que nunca se encontraram fisicamente, mas cujo encontro intelectual é notório e inegável. A Linguística Geral de cada um não representa necessariamente rompimento com a tradição comparatista, antes o contrário: sua Linguística Geral só pode se construir em vista da gramática comparada. Normand pontua que o que ambos fizeram, em relação aos estudos comparados, foi perturbá-los sem com eles romperem o laço. Porém, cansados das indefinições na linguística, propuseram sua leitura da Linguística Geral e organizaram, a partir do método comparado, dos estudos de diversas línguas e de abordagens inovadoras, proposições gerais sobre a língua e a linguagem.

De tudo o que expus até aqui, gostaria que permanecesse algo que considero ainda mais importante do que decorar relações, do que saber conceitos e datas, e que transcende a temática de minha exposição: trata-se do estímulo à descoberta. O percurso que decidi traçar poderia ter sido feito de maneira diferente da que propus, os elementos selecionados poderiam ter sido outros. De maneira geral, a pesquisa sempre pode ser outra, o modo de entrada nas leituras sempre pode ser diferente, e o resultado da trajetória escolhida, no amplo espectro, é sempre provisório, como convém a todo e qualquer campo científico. O que deve pautar a pesquisa, seja ela de caráter inicial – em nível de graduação – seja de caráter avançado – em nível de pós-graduação – é a ideia do *sapere aude* – lema latino que significa “ousar saber”, “atrever-se a saber”. Voltar aos textos – ou, até mesmo, entrar em contato com eles pela primeira vez – e ousar saber, querer saber, em resumo, perguntar. Perguntar ao texto quais respostas ele traz às grandes questões em torno da linguagem e, portanto, do ser humano. Homem/falante e linguagem se fundam em uma relação mútua, que é da ordem do necessário: um não existe sem o outro. Como isso se manifesta segundo cada perspectiva? Para obter essa resposta, é preciso “atrever-se a saber”, a pesquisar.

Finalizo esta discussão com o trecho de uma reflexão de Flores a esse respeito e a respeito de Saussure e Benveniste, autores cujas reflexões busquei relacionar. O linguista afirma, em aulas dadas na *École Normale Supérieure*, que

a imbricação homem/linguagem é constitutiva das linguísticas que Saussure e Benveniste ajudaram a criar, na justa medida em que é a única formulação conciliável para a evidência — parafraseando Benveniste — de que é um homem falando com outro homem que encontramos no mundo. Não há outro olhar possível para esse fato.

Reafirma-se assim a verdadeira natureza do homem, ao menos naquilo que dela é acessível às ciências que o colocam no centro de sua formulação. Atinge-se, com esses linguistas, algo de muito singular: a impossibilidade de supor uma origem simbólica do homem que não seja fundada na linguagem (Flores, 2017, p. 13).



## Referências

- ALTMAN, Cristina. Filologia e linguística brasileiras, mais uma vez. In: COELHO, Olga (Org.). *A historiografia no Brasil (1993-2018): memória, estudos*. Campinas: Pontes Editores, 2018. p. 43-64.
- ANNUAIRE DU COLLÈGE DE FRANCE. *Résumés de cours 1963-1964*, Paris, 1964.
- AUROUX, Sylvain. *Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Parábola, 2009.
- AUROUX, Sylvain. La notion de linguistique générale. *Histoire Épistémologie Langage*, v. 10, n. 2, p. 37-56, 1988.
- BARTHES, Roland. *O rumor da língua*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2004.
- BENVENISTE, Émile. *Noms d'agent et noms d'action en indoeuropéen*. Paris: Librairie d'Amérique et d'Orient, 1993.
- BENVENISTE, Émile. *O vocabulário das instituições indo-europeias*. v. 1/v. 2. Campinas: Unicamp, 1995a.
- BENVENISTE, Émile. *Origines de la formation des noms en indo-européen*. Paris: Adrien-Maisonneuve, 1973.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral I*. Campinas: Pontes, 1995b.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de linguística geral II*. Campinas: Pontes, 2006.
- FENOGLIO, Irène. *Émile Benveniste: a gênese de um pensamento*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2019.
- FENOGLIO, Irène. Linguistique générale et héritage saussurien dans les notes préparatoires du cours de Benveniste. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 67, p. 69-89, 2014.
- FLORES, Valdir do Nascimento. A ética do linguista. In: SILVA FILHO, Jomson (Org.). *(Re)leituras em Ferdinand de Saussure e Émile Benveniste*. São Carlos: Pedro & João editores, 2021. p. 141-168.
- FLORES, Valdir do Nascimento. *A linguística geral de Ferdinand de Saussure*. São Paulo: Contexto, 2023.
- FLORES, Valdir do Nascimento. *Saussure e Benveniste no Brasil: quatro aulas na École Normale Supérieure*. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.
- FOUCAULT, Michel. Linguística e ciências sociais. In: FOUCAULT, Michel. *Ditos e Escritos II*. Organização e seleção Manoel Barros da Mota. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000. p. 167-189.
- HOFF, Sara Luiza. “Mas guardemos isso: não há língua má”: as línguas na teoria da linguagem de Benveniste. 2023. 286 f. Tese (Doutorado em Letras) – Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2023 (no prelo).
- LAPLANTINE, Chloé. Emile Benveniste et les langues amérindiennes. *History and Philosophy of the Language Sciences*, [S. l.], 2013. Disponível em: <https://hiphilangsci.net/2013/10/02/emile-benveniste-et-les-langues-amerindiennes-4>. Acesso em: 20 jan. 2023.

MILNER, Jean-Claude. *El periplo estructural: Figuras y paradigma*. Buenos Aires: Amorrortu, 2003.

NORMAND, Claudine. Saussure-Benveniste. In: NORMAND, Claudine. *Convite à linguística*. São Paulo: Contexto, 2009.

NORMAND, Claudine. Saussure-Benveniste: les aventures d'un héritage. *Cahiers Ferdinand de Saussure*, n. 63, p. 175-184, 2010.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de Linguística Geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Escritos de linguística geral*. Organizados e editados por Simon Bouquet e Rudolf Engler com a colaboração de Antoinette Weill. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.

TAVARES, Gonçalo. Batalhas essenciais da democracia são linguísticas, afirma Gonçalo Tavares. [Entrevista concedida a] Paulo Henrique Pompermaier. *Cult*, São Paulo, 27 jun. 2017, n.p. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/batalhas-essenciais-da-democracia-sao-linguisticas-goncalo-tavares/>. Acesso em: 05 dez. 2022.

Recebido em: 10/04/2023.

Aceito em: 08/07/2023.